

A HOMOFOBIA FAMILIAR EM “A PALAVRA QUE RESTA” DE STÊNIO GARDEL

Family homophobia in “a palavra que resta” by Stênio Gardel

Thátilla Ruanna Dias Bezerra*

*Colégio Estadual Santa Fé, Aparecida de Goiânia, Goiás. Mestre em Língua, Literatura e Interculturalidade.
E-mail: thatinhath@hotmail.com, ORCID: 0009-0002-8597-0737

Revista Educação em Contexto

Secretaria de Estado da Educação

de Goiás - SEDUC-GO

ISSN 2764-8982

Periodicidade: Semestral.

v. 2 n. 2, 2023.

educacaoemcontexto@seduc.go.gov.br

Recebido em: 07/07/23

Aprovado em: 13/09/23

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10201703>

Resumo

Este trabalho apresenta uma análise crítica sobre a representação da homofobia familiar no romance “A palavra que resta” (2021), de Stênio Gardel, tendo como enfoque principal, refletir sobre a imposição de uma configuração única de família fundamentada na heteronormatividade. Os ruídos provocados por essa representação são fundamentais para entendermos de que forma o machismo estrutural opera na vida das pessoas, principalmente do sujeito homossexual. Nesse contexto, o seio familiar, que deveria ser lugar de acolhimento, se torna um lugar de intolerância e repressão. Nesse sentido, pretendeu-se desenvolver um prisma amplo de discussões, tendo à frente teorias que relacionam literatura e gênero.

Palavras - chave: Homofobia. Homofobia familiar. *Queer*. Violência.

Abstract

This paper presents a critical analysis of the representation of familial homophobia in the novel *A palavra que resta* (2021), by Stênio Gardel, with the main focus being to reflect on the imposition of a unique family configuration based on heteronormativity. The noise caused by this representation is fundamental for us to understand how structural sexism operates in people’s lives, especially in the homosexual subject. In this context, the family environment, which should be a welcoming place, becomes a place of intolerance and repression. In this sense, it was intended to develop a wide prism of discussions, based mainly on theories that relate literature to gender.

Keywords: Homophobia. Family homophobia. *Queer*. Violence.

INTRODUÇÃO

A literatura contemporânea brasileira vem apresentando um quadro relevante de produções literárias que se concentram na representação das ditas “minorias sexuais” e, também, na manifestação artística dos relacionamentos homoafetivos. Embora o aumento dessas discussões estejam ocorrendo na academia e em outras áreas, há, ainda, relações de poder que exercem forte influência em nossa sociedade, e essas relações representam a concepção de uma sociedade heteronormativa e categorizada – que se inclina para a desaprovação de corpos que fogem das normas tidas como padrões e nos encaminha para um lugar de anormalidade que gera estranheza e repulsa, tornando-os alvos de inúmeros tipos de violência, inclusive dentro de suas próprias casas. A análise proposta nessa pesquisa objetiva discorrer a maneira como a homofobia familiar ocorre no romance “A palavra que resta” e, para isso, encontrou sustentação nas perspectivas da teoria *queer* como suporte de análise e, acerca dela, disserta-se aqui sobre alguns de seus pressupostos. Salienta-se que os estudos *queer* e as pesquisas de Judith Butler sobre identidade, gênero e sexualidade que se apoiam substancialmente nas concepções de Foucault sobre repressão sexual, são extremamente complexas e extensas e, assim, será tratado o que é mais relevante para análise do corpus e entendimento de conceitos dessa área do conhecimento.

Os estudos *queer* surgiram na década de 1980 como uma corrente teórica que colocou em discussão as formas correntes de entender as identidades sociais. Originando-se teoricamente dos estudos gays e lésbicos, da teoria feminista, do pós-estruturalismo francês, do transvivo norte-americano e dos estudos sociais, o *queer* enquanto teoria surge em uma época de reavaliação crítica da política de identidade. Portanto, procura salientar como práticas e percepções

as formas de sexualização dos corpos, desejos, identidades e grupos sociais num ordenamento fundado na heterossexualidade compulsória (os sujeitos tem uma obrigação social de se relacionar amorosa e sexualmente com indivíduos do sexo oposto) e na heteronormatividade (delimitação de todas as relações – mesmo as supostamente não aceitas entre indivíduos do mesmo sexo – em um binarismo de gênero que padroniza seus atos, desejos e ações a partir do modelo do casal heterossexual que é reprodutor).

Lauren Berlant e Michael Warner definem:

Por heteronormatividade entendemos aquelas instituições, estruturas de compreensão e orientações práticas que não apenas fazem com que a heterossexualidade pareça coerente – ou seja, organizada como sexualidade – mas também que seja privilegiada. Sua coerência é sempre provisional e seu privilégio pode adotar várias formas (que às vezes são contraditórias): passa despercebida como linguagem básica sobre aspectos sociais e pessoais; é percebida como um estado natural; também se projeta como um objetivo ideal ou moral (BERLANT; WARNER, 2002, p. 230).

Dessa forma, a heteronormatividade não se refere somente aos indivíduos legítimos e normalizados, mas é uma nomenclatura contemporânea para a engrenagem histórica da sexualidade que sinaliza seu objetivo: formar todas as pessoas para serem heterossexuais ou planejarem suas vidas segundo o molde supostamente aceitável, superior e “normal” da heterossexualidade. Assim sendo, o estudo da sexualidade inevitavelmente pressupõe investigar as sinuosidades da heteronormatividade, com enfoque na homofobia concretizada em artifícios de impedimento e controle das relações amorosas e sexuais entre homossexuais.

Nesse sentido, o romance “A palavra que resta”, do autor cearense Stênio Gardel, publicada em 2021, demonstra essa transgressão das convenções mais formais de representação dos personagens, pois apresenta um protagonista homossexual que é vítima de homofobia familiar. O livro conta a história de Raimundo Gaudêncio, gay, idoso e nordestino, que somente aos 71 anos decide aprender a ler e a escrever. Nascido e criado no sertão, nunca frequentou a escola, pois desde criança precisava auxiliar o pai no trabalho da roça. Nesse cenário sertanejo, sem compreender exatamente o que sentia, descobriu e viveu a paixão por outro homem, e também conheceu o sabor amargo do preconceito. Quando o amor escondido entre os dois jovens foi descoberto por suas famílias o personagem passa a sofrer os mais diversos tipos de violência dentro de casa, castigado, humilhado e incompreendido foi obrigado a deixar a família e a vida sertaneja para trás. A obra de Stênio Gardel parte de uma história íntima para mostrar uma dinâmica social de exclusão, determinada por crenças limitantes e pelas dificuldades de comunicação que dela se originam. Toda essa teia de repressão, atitudes machistas, homofóbicas, questões relacionadas à sexualidade, controle ideológico e literatura estão atrelados em uma disputa de poder complexa. Um livro que questiona, que debate, que escancara o impacto do machismo na vida das pessoas.

Vítima Raimundo: homofobia familiar

A reação do pai de Raimundo ao descobrir a sexualidade do filho foi a pior possível. A criação no sertão é dura, um machismo passado de geração em geração que normatiza a homofobia, num lugar onde a homossexualidade não apenas é censurada, mas também é “resolvida” na base da porrada.

Para esclarecer o conceito de homofobia, utilizaremos o conceito de Borrillo (2010) que explica que essa nomenclatura refere-se a uma ação de hostilidade em contraposição aos homossexuais, um sentimento de fobia, repulsa e ódio que leva a abjeção, a desumanização, a distinção e o afastamento do indivíduo homossexual (BORRILLO, 2010). A homofobia atua através de crimes, patologizações, violências físicas e psicológicas e demonizações, regularmente ocasionando o extermínio de pessoas não-heterossexuais na sociedade contemporânea, sem que as pessoas que cometem esses atos sejam punidas (SILVA; FRANÇA, 2019). De acordo com Perucchi, Brandão e Vieira (2014), a homofobia se assemelha a outras formas de discriminação, como a xenofobia e o racismo, visto que se fundamenta no julgamento do outro, no caso o homossexual, apontando-o como inferior e anormal, caracterizando-se como um meio utilizado para mostrar e gerar um sistema de desigualdades que reforçam a dominação de uns sobre outros, rejeição e exclusão.

No seio familiar de Gaudêncio, a homofobia aparece escondida atrás dos costumes, da tradição, da formação religiosa, das convenções sociais e das regras ditas e não ditas sobre o papel de cada gênero em nossa sociedade.

[...] homem fodendo homem, homem gostando de homem, é, meu pai, teu filho gosta de homem, o senhor não esperava, eu não esperava, é coisa de dentro da gente, meu pai, o de dentro a gente não vê, mas eu sinto e podia falar, o senhor não vai ouvir? por quê? só porque foi criado assim? porque é assim que tem que ser? é assim? pai enraivecido com o filho? se eu falar, o senhor vai escutar? vai nada, desse jeito como é que escuta, eu, eu escuto, é o centurião retalhando meu couro, querendo rasgar meu pensamento em Cícero, meu

pensamento eu escuto também, que ele resiste e está gritando aqui dentro, mais alto que se eu gritasse de verdade, e nem assim o senhor ia escutar, meu pai, mas eu escuto e escuto com gosto, porque gosto de Cícero sim, meu corpo pede é o dele sim, forte, macho, duro, montando em cima de mim.? (GARDEL, 2021, p. 33)

Quando a sexualidade do protagonista deixa de ser velada e toma as paredes de sua casa, ele passa a vivenciar um momento de extrema angústia. Esse tipo de conflito vivenciado por Gaudêncio, justamente por ter iniciado a consciência de que realmente é gay, e que, socialmente, isso tem um peso diferente quando se é um jovem heterossexual, o que pode ser entendido como um rompimento doloroso do que é aceitável socialmente.

Alguém escolhe seu próprio desejo? Talvez periféricamente, mas não até o ponto de determinar se sentirá atração definitiva pelo sexo oposto ou pelo mesmo sexo. Assim, não creio que 99% das pessoas que se sentem como homossexuais poderiam dizer que fizeram uma opção. Ao contrário, sentiram-se levadas por uma tendência anterior. Eventualmente, elas tiveram sim que assumir sua homossexualidade no nível social, mas o rumo para onde apontava seu desejo – alguém do mesmo sexo – já estava forçando essa escolha. Ou seja, tais pessoas fizeram opção de ser **socialmente** homossexuais, não de **desejarem** homossexualmente (TREVISAN, 2018, p. 33, grifo do autor).

Conforme explica Trevisan, dessa forma, o sujeito nesse processo de aceitação identitária, compreende que diferente do que é amplamente divulgado pelo senso comum, reconhecer essa homossexualidade não é uma opção, mas uma escolha de **agir** sobre o desejo que sente. E essa ação, dentro de uma sociedade preconceituosa, gera estranhamento e rejeição. Judith Butler, sobre isso, complementa sua teoria de

performance ao dizer que: “os gêneros distintos são parte do que ‘humaniza’ os indivíduos na cultura contemporânea; de fato, habitualmente punimos os que não desempenham corretamente o seu gênero” (BUTLER, 2019, p. 241). Quando Raimundo, de forma involuntária, decide romper o que é imposto como aceitável por aqueles que estão no poder ditando as normas, num conceito foucaultiano, é punido moralmente e fisicamente pelo pai, o detentor do poder naquele contexto familiar.

Marcinha entrou no quarto e sentou no chão, ao lado da cama. Raimundo, de bruços, evitada o toque áspero do lençol.

- Não fica assim, minha irmã, daqui a pouco passa.

- Passa como, se todo o dia o pai te bate?

Dezesseis dias desde que os pais descobriram dos dois. Chegava da lida, direto para o quarto. Quando a moldura de sol de apagava da janela, o contorno escuro do pai aparecia no umbral da porta. As costas ainda ardiavam do açoite da véspera. (GARDEL, 2021, p. 34).

Marcinha é irmã caçula de Gaudêncio, sabe ler e escrever, é apegada ao irmão e os dois sempre foram muito unidos. Apesar de não compreender com exatidão qual o motivo da desavença familiar, se compadece do sofrimento do irmão e representa um acalento no meio de tanta brutalidade. Ela sente indignação pela fúria do pai e a inércia da mãe diante da situação, que nada diz e nada faz. Mesmo temendo o peso da mão severa do pai caso descubra, revela ao irmão que viu Cícero na saída da escola, e que ele havia mandado um recado: desejava encontrá-lo. O encontro seria na manhã seguinte, no rio, perto da cruz. A possibilidade de revê-lo encheu Raimundo de esperança. “Iriam se ver, conversar, decidir o que fazer” (GARDEL, 2021, p. 37). O personagem passa a criar então muitas expectativas, seria essa talvez a chance de fugirem, de enfrentarem as

consequências, criarem um novo caminho e ficarem juntos para sempre.

“Raimundo chegou no local da margem do rio onde ficava uma cruz de madeira, escurecida pelo tempo. Sentou na areia. O povo dizia que um rapaz tinha se afogado ali, mas ninguém falava quem era, e as tábuas não tinham nome nenhum” (GARDEL, 2021, p. 38). Galdêncio esperou por muito tempo, esse encontro representava uma luz no fim do túnel.

Raimundo esperou, por Cícero, pelo pai. A sombra da cruz encolheu para depois ir se alongando fina, funesta, até lhe tocar os pés, os planos e as palavras. Voltou a crescer dentro dele a escuridão estéril do quarto onde o pai lhe batia e o estalado do cinto a lhe lambe as costas com a fome da faca que despela bicho. Cícero não veio (GARDEL, 20021. p. 38).

Cícero não aparece, o encontro não acontece, o futuro que ele imaginava até pouco tempo atrás é interrompido pela presença de alguém não esperado: seu pai, agora seu algoz, que, desde a descoberta de sua sexualidade, diariamente o castiga, açoita-lhe as costas com um cinturão até sangrar, sua existência passou a representar vergonha para a família, que tenta camuflar através da violência sua identidade. Em razão da natureza invertida do comportamento dominante, seu comportamento é punido dentro de sua própria casa, mesmo não tendo cometido nada de errado. Nessa situação, a identidade homoerótica é vista como um corpo abjeto, um corpo que pesa para a família tradicional. Dessa forma, a narrativa ficcional faz uma reflexão crítica ao questionar a formação do sujeito homoerótico por meio da normatização do sexo como um padrão cultural. Esse processo pode ser identificado por meio de um repúdio que produz a abjeção e reconhece na identidade transgressora um “espectro ameaçador” (BUTLER, 2001, p. 156).

Esse espectro corrobora para que as atitudes homofóbicas e violentas de Damião, pai de Raimundo, ocorram de modo tão assustador. Sem se conformar com a sexualidade do filho, o pai busca, por meio da violência, encaixar Gaudêncio ao padrão fixo da heterossexualidade. Em frente à cruz, na beira do rio, Raimundo decide enfrentar o pai e revela que está ali a espera de Cícero. Os dois iniciam um diálogo:

Um dia, um dia, vai cicatrizar em tu que isso só vai te levar é pro fundo de um rio ou pra debaixo da terra.

- Pai,

- Se não sou eu a te botar lá, é outro, os outros que vão te enterrar, mas antes tu vai se enterrar em tu mesmo, sozinho olhado de banda, andando escondido, ninguém tinha que saber que viviam juntos, depois o mundo te enterra também, porque é isso que acontece com esse tipo de pessoa.

- O senhor vai me bater até me botar numa cova?

- Não Raimundo, não tu acha que sou capaz de matar alguém? Quanto mais meu filho? Tu é meu filho, o que estou fazendo é pra te tirar do caminho da morte (GARDEL, 2021, p. 40).

As ações de Damião são reflexos do machismo estrutural feroz, que produz uma dinâmica social de exclusão para aqueles que se desviam da norma dominante. A transgressão é vista como algo inadmissível, um caminho impossível, um caminho da morte, como disse no trecho acima, o pai para o próprio filho. Para ele, a homossexualidade representa a segregação, representa uma vida impura, vergonhosa e marginalizada, o seio familiar, que deveria ser o lugar de acolhimento, se torna um lugar de repressão.

De acordo com a historiadora Schulman (2010), a família é o primeiro lugar onde as pessoas, independentemente da maneira como vivenciam o erotismo, aprendem a homofobia, seja no sentido de se-

rem atores, seja no de serem vítimas da mesma. Para Schulman, a homofobia familiar é um lamentável fenômeno que faz parte da vida das pessoas LGBTQIA+¹ e que se configura como uma crise cultural profusa, visto que se trata de uma violência evidente, mas, ao mesmo tempo, negada e invisibilizada no mundo particular. A família estabelece punições sobre seus integrantes homossexuais que vão desde “pequenos desrespeitos a graus variados de exclusão, chegando a ataques brutais que deformam a vida da pessoa gay, ou até a crueldades diretas e indiretas” (SCHULMAN, 2010, p. 70).

Esses atos violentos para com as pessoas homossexuais citadas acima são expressadas de maneiras diversificadas, podendo ser agressões, ameaças e outras tantas formas, que servem para deixar claro a gigantesca intolerância que a família demonstra no momento em que se esbarra com a presença de um transgressor das normas (SOLIVA; SILVA JUNIOR, 2014). Essa violência que existe no seio da família para com o indivíduo homossexual denomina-se como homofobia familiar.

A trajetória de Raimundo é atravessada pelas punições que lhe foram impostas. O preconceito e o medo acabam por germinar na cabeça de Damião, o sentimento de que o filho é um erro, uma abominação que precisa ser liberta ou execrada. A cruz exposta na beira do rio representava a morte, e ele temia que o filho fosse o próximo.

Segundo Kruczeveski e Mariano (2014), a moral cristã, em especial a difundida pelo Catolicismo, foi

e ainda é uma das principais colaboradoras para a construção de um modelo de família fundamentado na heteronormatividade, colocando como exemplo de justificativa a imagem da sagrada família. Ademais, constata-se que no modelo de família em análise, há uma configuração baseada no patriarcado, isto é, existe uma estrutura hierarquizada que coloca o papel do homem acima dos demais membros. Impulsionadas pela religião, muitas “crenças” partem do princípio de que a homossexualidade é um terrível pecado, uma grande mola propulsora de maldição que coloca em risco o bem-estar e a moral da família tradicional. “A mãe não se atreve, foi rezar e depois se trancou no quarto” (GARDEL, 2021, p. 63). Assim as famílias que sempre se apoiaram nessa fé, quando deparam-se com um homossexual entre seus membros familiares, veem-se deslocadas, então criam alternativas tampouco saudáveis para lidar com essas situações.

Em frente à cruz, Damião passa por um processo de deslocamento pelo passado. Nesse caso, o espaço do rio e da cruz é muito importante para entendermos o que está em jogo nessa representação, pois temos mais adiante na narrativa, a revelação de passagens assombrosas que revisitam como fantasmas, a memória do passado do pai opressor.

[...] Damião viu seu pai na margem do rio solente onde jazia Dalberto. A água em volta, o poço escuro, o fundo sem corpo, o folgo impotente, a superfície clara, o ar [...] A correnteza estava levando agora Raimundo.

¹Conforme Carvalho e Barreto (2021) o uso da sigla LGBTQIA+ é, uma escolha alinhada aos posicionamentos do Movimento LGBTQIA+ brasileiro contemporâneo, representando Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queers, Intersexo e Assexuais. Abarca identidades relacionadas à orientação sexual, qual seja, à atração afetivossexual por alguém de algum(ns) gênero(s) e que pode ser classificada como heterossexual, homossexual, bissexual, assexuais e pansexuais, ao mesmo tempo que também contempla outras identidades como as de gênero, que é a forma como as pessoas se identificam ou se reconhecem e que inclui categorias como cisgênero, transgênero, transexual, bigênero, pangênero, drag queen, entre outros. Isso porque tal sigla objetiva a promoção, a inclusão e a visibilidade do maior número possível de pessoas com orientação sexual, identidade ou expressão de gênero (forma como a pessoa manifesta publicamente a sua identidade de gênero) desviantes do padrão cisheteronormativo e binário. Trecho retirado do artigo: *A invisibilidade das pessoas LGBTQIA+ nas bases de dados: novas possibilidades na Pesquisa Nacional de Saúde 2019*.

Para longe, para longe dos gritos de busca, para longe das braçadas insuficientes, para longe do braço, alongado pelo cinturão dobrado a meio.

- Embora tu não vai!

- Pai,

E o medo indomado do pai cravou suas garras nas costas do filho. Era a última vez. Os dois sabiam. Os dois, o rio e a cruz.

imundo. (GARDEL, 2021, p. 42)

Nesse processo, temos pontos de partidas e chegadas de dois caminhos que se entrecruzam. Assim como Raimundo, Dalberto, irmão de Damião, também era homossexual. Ao rejeitar o relacionamento homoafetivo de Gaudêncio, o pai tenta de toda forma controlar a sexualidade do filho, pois ao lembrar o destino do seu próprio irmão, teme o imprevisível, de como seria caso Raimundo “assumisse” seu verdadeiro eu para o mundo. Damião não quer que seu primogênito vá embora, então permanece castigando-o fisicamente, como se dessa forma ele fosse renunciar definitivamente seu desejo homoerótico.

“Uma salmora cobria os cortes nos ombros, nas costas, na base da espinha.

- Vou pegar água e um pano limpo e depois vou esquentar folha de corama no óleo pra colocar em cima.” (GARDEL, 2021, p.64).

Fruto de um patriarcado hierárquico e dominante, o comportamento de Damião segue a convenção ideológica, dogmática e opressora imposta, já que as condutas desviantes dessa lógica heteronormativa compulsória estão direcionadas aos conceitos de errado e de ridículo que precisam ser corrigidos. Diante dessa situação, Raimundo reflete sobre seu destino:

[...] Não iria mais embora. Sozinho? Iria ficar em casa. Sozinho? Não poderia mais ver Cícero, não do jeito que queria. E se o pai tiver razão? Que um dia isso vai passar? mais velho, casado com uma mulher, dois, três

filhos, sem gostar de homem, vida de homem de verdade (GARDEL, 2021, p. 64).

Os ruídos provocados por essa representação são fundamentais para entendermos de que forma o machismo estrutural opera na vida das pessoas, inclusive do sujeito homossexual. Esse pensamento de Raimundo representa a internalização da norma heteronormativa, que aponta como única forma de amor possível e concebível aquele que ocorre entre pessoas de sexo oposto, e quem vai ao contrário disso vai contra os “bons costumes”. Dessa forma, o protagonista desviante procura fugir de si mesmo, tentando se encaixar dentro desse eixo normativo, buscando alternativas para escapular da sua identidade transgressora. Nessa interseção, a representação do homoerotismo masculino se projeta como um lugar de questionamento e revisão das identidades tradicionais. Ademais, há uma diferença nessa representação, uma vez que o personagem, mesmo pertencendo a uma zona rejeitada socialmente, reivindica sua autonomia à vida, pois sua identidade “é constituída através da força da exclusão e da abjeção” (BUTLER, 2001, p. 155).

Raimundo se sente sozinho, triste e aprisionado à relação conturbada com seu pai. Caetana, sua mãe, que sempre foi companheira, agora se comporta de forma alheia a tudo que ocorre dentro da própria casa. Muitos dias se passaram desde que ficaram sabendo dele e de Cícero. Durante todos eles, Raimundo foi brutalmente espancado e hostilizado pelo pai, sua genitora em nenhum momento interviu, não proferiu sequer uma palavra. De acordo com Schulman (2010), um dos comportamentos que surgem dentro do seio familiar nesse contexto de homofobia é a evitação. O membro não-heterossexual é excluído de qualquer participação comunicativa sobre ela mesma e sobre como é tratada. “A evitação é uma forma de crueldade mental que é desenhada para

que se finja que a vítima não existe ou nunca existiu” (SCHULMAN, 2010, p. 74), acarretando uma verdadeira desumanização regular e normativa. Voltando pra narrativa, em certa ocasião, após o ocorrido, o protagonista procura se aproximar da mãe, arruma a máquina de costura dela, aliás, ele gostava da máquina, arriscava até uma costura, afinal, a mãe e a irmã também costuravam, embora nunca lhe incentivaram a exercer tal atividade. “Porque isso não é coisa de homem nem de Deus!” (GARDEL, 2021, p. 64). O silêncio materno sobre tudo que vem ocorrendo machuca Galdêncio, que segue vagarosamente procurando espaço para contar-lhe sobre seus sentimentos, queria conversar, desabafar, saber o que ela pensava, talvez encontraria ali, no seu olhar, no seu colo, consolo, compreensão e apoio.

Aos poucos, bem despreziosamente, a história vai desenrolando em camadas sutis. E no meio delas, vamos conhecendo personagens com demônios pessoais, memórias de violência, gente assolada pela pobreza e reduzida à sobrevivência de cada dia. E é nessa galáxia de contextos que Caetana finalmente conversa com Raimundo e faz uma chocante revelação:

- Tu sabe a história da cruz, Raimundo?
- Foi que um rapaz morreu afogado.
- Era irmão do teu pai, o Dalberto. Era moço ainda
- Irmão do pai?
- Quando se afogou no rio.
- E o pai nunca falou nada pra gente.
- Não falou nem vai falar. Dalberto era metade da vida dele, metade que ele perdeu pro rio e pro pulso firme do pai. Ele era como tu, gostava de macho(...). E um dia, perto do meu casamento com teu pai, teu tio tirou a paciência de teu avô, e teu avô levou ele pro rio. Dalberto parece que tinha era medo d’água, frouxo. Teu avô precisou entrar no rio também e só ele que voltou. (GARDEL, 2021, p.76).

Dalberto assim, como tantos outros, foi vítima fatal de uma ação violenta praticada pelo seu próprio pai. Em nome da manutenção da “moral”, foi assassinado, e a cunhada Caetana acredita que essa foi a melhor solução para dar fim ao comportamento reprovável do cunhado, o que deixa Raimundo extremamente chocado.

- Como pode isso, mãe? O vô matou um filho?
- Teu avô fez o que fez por causa de Dalberto. As imoralidades de Dalberto, pulso firme do vô, o pai apanhou junto do irmão, Dalberto gostava de macho, Dalberto frouxo,
- E por que esconder a morte dele?
- E mostrar pra que? Dalberto só trouxe desgraça, tem que ficar no esqumimento, por mim nem aquela cruz tinha. Foi teu pai que teimou, Tem que ter uma cruz sim, um dia eu tive um irmão, era meu irmão, Caetana (GARDEL, 2021, p. 76, 77).

O avô de Raimundo matou o próprio filho, motivado pela ira, pelo ódio, pela aversão ao diferente, pela homofobia. Damião sabia da sexualidade do irmão e tentava protegê-lo, mas Caetana, não. Conforme é revelado para o leitor, ela se mantinha distante do cunhado e aprovava a atitude do sogro, pois ter um membro homossexual era uma vergonha para a família. Por estar inserida dentro de uma sociedade heteronormativa, a família de origem é encarregada por instruir seus componentes a trilharem os caminhos da heterossexualidade e propagarem os preceitos oriundos da mesma, tendo como exigência basilar a reiteração contínua da sexualidade “aceita”, com o propósito de transformar esse fenômeno o mais natural possível (PERUCCHI; BRANDÃO; VIEIRA, 2014). Contudo, sabe-se que a família sanguínea nem sempre consegue “educar” seus integrantes para serem heterossexuais. Por conta disso, inicia-se inúmeras formas de violência para com o homossexual, em

nome do “amor e proteção”, consequência da promoção de preceitos promovidos pelo cristianismo, que durante muito tempo fez uso de narrativas homofóbicas em nome da fé e da moral, narrativas estas que refletem até os dias de hoje (BRITO, 2019). Esse processo de moralização é responsável pela produção da exclusão social, com propensão a inferiorizar e demonizar os homossexuais e seus relacionamentos (SANTOS; GODOY, 2019). No caso de Dalberto, a consequência foi a morte de Raimundo, o desmembramento dos laços familiares, a expulsão de casa, da sua comunidade, do lugar onde viveu uma vida inteira. O silêncio da mãe, que perdurou por muitos dias, foi quebrado pela revelação da morte do tio de Raimundo e a manifestação de repúdio pelo filho; para ela era inadmissível sua permanência naquela casa, sua conduta desviante era amaldiçoada e afetava negativamente toda a família.

-Quando vocês começaram com isso? Foi antes que embuchei dos gêmeos?

- Foi, faz bem dois anos?

- E tu não pena que foram tuas mãos sujas que tiraram a vida do Pedro quando tu segurou ele? E do Manuel que a casa já estava toda empestada desse pecado, dessa imundice tua com Cícero? Isso que tu fez não é coisa de homem nem coisa de Deus! (GARDEL, 2021, p. 77).

Caetana culpa Raimundo da morte dos filhos gêmeos, que morreram quando ainda eram recém-nascidos. Para ela, a homossexualidade do primogênito, vista como pecado, trouxe sofrimento e desgraça para toda a família. Diante disso, percebe-se que as condições sociais, culturais e religiosas estão tão enraizadas na vida de Caetana, que não consegue sequer defender o filho; pelo contrário, torna-se também uma opressora, ficando nítido que o patriarcado atropela até isso, torna essa mulher também refém dessa situação.

Ao buscar entender a associação entre patriarcado e família, percebe-se que é algo que caminha com a sociedade, haja vista que o termo “família” é oriundo do latim, que significa “escravo doméstico”. Na Roma Antiga, firmou-se como instituição, cujo núcleo familiar se estruturava a partir da valorização da figura masculina, colocando as mulheres em relação aos homens em posição de subalternidade. O patriarca de cada família gozava de muitos poderes para com sua esposa, seus filhos e seus escravos, dentre eles o de vida e morte de cada um (ENGELS, 2009; XAVIER, 1988).

A mãe começou a chorar.

-Pois eu acho que tu devia ir embora, pra longe, porque depois do que tu fez tu não pode ficar aqui não.

A voz que afaga, a voz que afoga.

- O pai

- Teu pai não vai deixar tu ir, nem que tenha que te pregar na cama com tuas feridas, ele não vai deixar, ele acredita que tu desistiu de ir embora, de Cícero, dessa história toda de homem com homem. Aproveita que tu melhorou. Melhor tu ir. Pra longe, agora, enquanto teu pai não chega do sítio.

Ela fez que ia tocar o rosto de Raimundo com uma das mãos,mas percebeu. Ele chorou. Ela voltou ao silêncio. E não precisava dizer mais nada. (GARDEL, 2021, p. 77,78).

A dor física não consegue acertar o coração do mesmo modo que as palavras maternas. Raimundo compreende que o seio familiar não é pra ele lugar de acolhimento, então só lhe resta uma alternativa: partir pra sempre do único lugar do mundo que conhece. Primeiro em uma geração, depois em outra, um ciclo de dor se repete fundamentado em um modelo patriarcal que autoriza as famílias a serem as guardiãs da sexualidade de seus filhos. Schulman (2010) explica que as singularidades e dimensão da

homofobia familiar são amplas, começando com pequenos desrespeitos até chegar em violências mais brutais e cruéis, que acabam de fato com a vida do indivíduo. Em suma, a homofobia familiar é um tipo de preconceito que está localizado dentro do seio familiar como ferramenta de validação da violência, que acaba estimulando e promovendo o corte das relações familiares. O lar torna-se um local de contradições, uma vez que se espera que ele seja um lugar minimamente respeitoso (NASCIMENTO; SCORSOLINI-COMIN, 2018).

Santos (2002) afirma que os homossexuais têm o poder de ameaçar o sistema, pois colocam em contradição tudo aquilo que foi instruído por meio da religião, onde o sujeito nasce, cresce e constrói família, além de muitas regras que o patriarcado criou e demais culturas opressoras. Pelo fato de serem vistos como ameaça ao sistema, os homossexuais são violentados cotidianamente. A família, que deveria atuar como parte principal na proteção e cuidado dos seus integrantes, acaba sendo um dispositivo na engrenagem dos dispositivos de poder, contribuindo para o excitação de episódios violentos e constrangedores para com as pessoas homossexuais que procuraram abrigo em outros lugares. Dessa forma, de acordo com Perucchi, Brandão e Vieira (2014), o contexto familiar de origem, que deveria ser um local de companheirismo, respeito e segurança passa a ser um ambiente violento e perigoso que, através de mecanismos hostis, a modelos binários e naturalizados de exercício da sexualidade, tenta de todas as formas normatizar o sujeito.

Para complementar, dialoga-se com Prados, Brandão e Perucchi (2018), que mencionam que na contemporaneidade “não se manda mais matar, simplesmente deixa-se morrer”, com base na obra de Gardel, que coloca em evidência as situações de violência a que são submetidos muitos homossexuais. Com a expulsão de Raimundo do seio familiar, “A palavra

que resta” traz para a história da Literatura Brasileira Contemporânea uma narrativa que aponta o lugar da identidade homossexual como parte dos fantasmas da heterossexualidade. Isso é possível porque esse romance coloca em evidência o olhar perturbado do dispositivo normatizador, pois o local do excluído limita o “humano” com seu exterior constitutivo e assombra suas fronteiras com a persistente possibilidade de sua rearticulação (BUTLER, 2001, p. 161). Portanto, esteticamente, esse romance escancara a perseguição e violência familiar por trás da normatização heterossexual que vitimiza através da barbárie os sujeitos que trilham passos não heterossexuais.

Raimundo Gaudêncio, nascido e criado em uma comunidade rural regida por princípios conservadores e convenções sociais que demarcam rigidamente os papéis de gênero, por não se encaixar em nenhum deles, era impossível permanecer naquele lugar. Ele sempre foi outro, nunca foi aquele que esperavam que fosse, e ser outro quando ninguém quer que você o seja tem um alto custo, e Raimundo teve que pagar o preço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte literária contemporânea mostra sua característica provocativa e diferenciada, alcança o nível da produção do próprio texto e enfatiza a força política do ato da escrita enquanto ferramenta que questiona o binarismo de gênero e a violência que contorna as experiências *queers*. Terminado o percurso, ainda de forma preliminar, da análise da presença da homofobia familiar na obra de Stênio Gardel, podemos observar que a narrativa não apresenta somente fatores relacionados à homossexualidade. De fato, o romance não trata somente da sexualidade do personagem, mas também dos desdobramentos dos preconceitos vividos nos lares e como esses interferem nos seus caminhos marcados pela opressão, massacre e medo.

A partir do enfrentamento entre a voz empática do narrador com esse sujeito e o desprezo socialmente dado a este no mundo fora da literatura, aparece uma atitude tanto política quanto estética, que justifica a abordagem dessa obra numa perspectiva de valorização da identidade homoerótica.

Assim, ao desenvolver essa temática de maneira tão delicada e sensível, a obra pode ser considerada ferramenta de resistência, que dá voz a personagens historicamente marcados pela opressão, marginalização e enfrentamento diário de tantas violências. Por um lado, temos a realidade, por outro, o universo da fantasia, sendo que ambos se entrelaçam. Unidos, esses fatores se opõem às regras impostas pela sociedade e, neste sentido, acabam por representá-la e, assim, tentam transformá-la.

Diante do exposto, compreende-se aqui que a literatura também é validada como um dos lugares

possíveis para a reavaliação de papéis construídos socialmente: refletir sobre o gênero, dentro do texto literário, é refletir como as ações violentas se estabelecem e se naturalizam nos corpos; é avaliar como as desumanidades são produzidas através do discurso e estruturadas como instrumentos de manutenção do poder. A homofobia familiar corrobora para o crescimento da violência social. Percebe-se dessa forma então, que movimentos de políticas públicas que tem como objetivo defender os direitos civis das pessoas que não se encaixam no padrão heteronormativo, devem promover ações efetivas com as famílias sanguíneas, a fim de minimizar os impactos causados pela discriminação e proteger essas pessoas de todo tipo de ataque. A família de origem não deve ser jamais a provedora de violência e sim deve atuar como parte essencial na proteção, acolhimento e cuidado dos seus integrantes.

REFERÊNCIAS

BERLANT, L.; WARNER, M. Sexo em Público. In: Jiménez, Rafael M. M. (editor) **Sexualidades Transgressoras**. Barcelona, Içaria, 2002. p. 229-257.

BORRILLO, D. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BRITO, T. H. S. **Uma análise sobre as formas de violência familiar contra pessoas LGBTQI+**. (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Católica do Salvador, BA, Brasil, 2019.

BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução de Thomaz Tadeu da Silva. 2ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 151-172.

BUTLER, J. **Corpos que importam**: os limites discursivos do “sexo”. São Paulo: n-1 edições, 2019.

CARVALHO, A. A.; BARRETO, R. C. V. A invisibilidade das pessoas LGBTQIA+ nas bases de dados: novas possibilidades na Pesquisa Nacional de Saúde 2019? **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 9, p. 4059-4064, 2021.

ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Clube de Autores, 2009.

GARDEL, S. **A palavra que resta**. 1. ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

KRUCZEVESKI, L. R.; MARIANO, S. A. **Família nuclear patriarcal**: breves notas sobre a (re)construção da teoria social e dos estudos feministas. Anais do III Simpósio Gênero e Políticas Públicas. Universidade Estadual de Londrina, p. 1-8, 2014.

NASCIMENTO, G. C. M.; SCORSOLINI-COMIN, F. A Revelação da Homossexualidade na Família: Revisão Integrativa da Literatura Científica. **Temas em Psicologia**, v. 26, n. 3, p. 1527-1541, 2018.

PERUCCHI, J.; BRANDÃO, B. C.; VIEIRA, H. Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays. **Estudos de Psicologia**, v.19, n. 1, p. 67-76, 2014.

PRADOS, N. C. C.; BRANDÃO, B. C.; PERUCCHI, J. Por onde circulam os corpos invisíveis? Intersecções entre população em situação de rua e gêneros dissidentes no acesso institucional urbano. **REBEH-Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 2, n. 01, p. 141-170, 2018. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/9936>. Acesso em 12 de julho de 2022.

SANTOS, M. R. N.; GODOY, E. A. Família e escola: a construção da homofobia no Brasil. **Perspectivas em diálogo**, v. 6, n. 11, 2019.

SANTOS, S. M. M. O pensamento de esquerda e os limites da luta pela liberdade de orientação sexual. **Presença Ética**: Revista Anual do Grupo de Estudos e pesquisa sobre Ética (GEPE), n. 3, 2002.

SCHULMAN, S. **Homofobia familiar**: uma experiência em busca de reconhecimento. Tradução de Felipa Bruno Martins Fernandes. Bagoas. Natal, n. 5, p. 67-78, 2010.

SILVA, S. G.; FRANÇA, A. N. Vidas Precárias: a Performatividade na Constituição das Violências Fóbicas em Gêneros e Sexualidades. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 39, p. 146-160, 2019.

SOLIVA, T. B.; SILVA JUNIOR, J. B. Entre revelar e esconder: pais e filhos em face da descoberta da homossexualidade. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, n. 17, p.124-148, 2014.

TREVISAN, J. S. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4ª ed. rev. atual. e amp. Objetiva: Rio de Janeiro, 2018.

XAVIER, E. **Declínio do patriarcado**: a família no imaginário feminino. Rio de Janeiro: Record, 1988.